

SOB O SIGNO DE EROS: FLASHES, FLECHAS E RAPTO EM *EU RECEBERIA AS PIORES NOTÍCIAS DE SEUS LINDOS LÁBIOS*, DE MARÇAL AQUINO

UNDER THE SIGN OF EROS: FLASHES, ARROWS AND KIDNAPPING IN EU RECEBERIA AS PIORES NOTÍCIAS DE SEUS LINDOS LÁBIOS, BY MARÇAL AQUINO

Zenil Josefa da Silvaⁱ  

Resumo: Este estudo propõe fazer uma análise de trechos do romance *Eu receberia as piores notícias de seus lindos lábios*, de Marçal Aquino, seguindo a trajetória amorosa de Cauby e Lavínia, adotando a fundamentação teórica de Roland Barthes, em sua obra *Fragmentos de um discurso amoroso* (1981). Para esta finalidade, elegemos as seguintes figuras: o rapto, o encontro, a espera, e o corpo do outro; e, em seguida, selecionamos fragmentos do discurso do casal de enamorados, condizentes com as figuras barthesianas. Procuramos mesclar também a história de Eros e Psique ao discurso amoroso do casal romanesco. Para tanto, confrontamos a condição de sujeito/objeto de Cauby e Lavínia com o mito de Eros e Psique para apontar que Marçal Aquino estabelece uma inversão do sujeito/objeto, estilhaçando a estrutura do mito tradicional. Este estudo teve como base teórica Barthes (1981, 2015), Bataille (1987), Brandão (2012), Bulfinch (2002), e outros.

Palavras-chave: erotismo; Eros; Psique; Marçal Aquino.

Abstract: *This study proposes to analyze excerpts from the novel *Eu receberia as piores notícias de seus lindos lábios*, by Marçal Aquino, following the love story of Cauby and Lavínia, adopting the theoretical foundation of Roland Barthes, in his work *Fragmentos de um discurso amoroso* (1981). For this purpose, we chose the following figures: the abduction, the encounter, the wait, and the other's body; and then, we selected fragments of the couple's discourse in love, compatible with Barthes' figures. We also sought to mix the story of Eros and Psyche with the romantic discourse of the couple in the novel. For this purpose, we confronted the condition of subject/object of Cauby and Lavínia with the myth of Eros and Psyche to point out that Marçal Aquino establishes an inversion of subject/object, shattering the structure of the traditional myth. This study was based on Barthes (1981, 2015), Bataille (1987), Brandão (2012), Bulfinch (2002), and others.*

Keywords: *eroticism; Eros; Psyche; Marçal Aquino.*

Submetido em: 05.07.2024

Aceito para publicação em: 28.08.2024



É permitido compartilhar (copiar e redistribuir em qualquer suporte ou formato) este material, desde que citada a autoria e observados os termos da licença CC-BY-NC 4.0.

ⁱ Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários PPGEL/UNEMAT (2023). Mestra em Letras – Literatura e crítica Literária pela PUC/Goiás. Especialista em Língua Portuguesa e Literatura pela Unemat. Especialista em Língua Espanhola e suas Literaturas pela Universidade Estácio de Sá. Graduada em Letras/Espanhol pela UFMT. Professora aposentada da Educação Básica Rede Pública Estadual de Mato Grosso. Atuou como professora do Curso de Letras/Espanhol do Sistema UAB pela Unemat. *E-mail:* zeniljosefa@gmail.com.

Em *Fragmentos de um discurso amoroso* (1981), lançado em 1977, Roland Barthes faz um mapeamento das figuras do discurso amoroso utilizadas pelos enamorados. Esses fragmentos são uma espécie de glossário organizado a partir de citações de passagens amorosas contidas em obras de Goethe, Platão, Proust, Lacan, entre tantos outros, mesclados a anotações de conversas com amigos e observações da própria vida do autor. Todas as figuras estão dispostas em ordem alfabética, cada uma dedicada a um aspecto diferente das problemáticas relacionadas aos enamorados.

As figuras para Barthes são frações de discurso. O autor explica que “Cada figura explode, vibra sozinha como um som despojado de toda melodia – ou se repete, até cansar, como motivo de uma música sempre igual”. (Barthes, 1981, p.4). Barthes alega que o discurso amoroso foi abandonado pelas linguagens (ciências e artes) e por esse motivo precisa de uma afirmação e, para dar voz ao discurso marginalizado do sujeito apaixonado, o autor realiza uma árdua tarefa de identificar e reunir os diversos clichês pelos quais os amantes se expressam, não se importando se esse discurso é formado por raridade ou pobreza linguística, o que importa é o sentimento amoroso que dá origem a um discurso amoroso que é, na sua totalidade, tecido de desejo, de imaginário e de declarações.

Partindo dessa premissa, destacamos quatro figuras do discurso amoroso de Barthes e procuramos vislumbrá-las na história de amor de Cauby e Lavínia, personagens do romance *Eu receberia as piores notícias de seus lindos lábios*, de Marçal Aquino. Para esta análise elegemos as seguintes figuras: O rapto, o encontro, a espera, e o corpo do outro; para tanto, selecionaremos fragmentos do discurso do casal de enamorados, condizentes com as figuras barthesianas.

Seguindo a proposição de Barthes, o qual afirma que “Nenhuma lógica liga as figuras nem determina sua contiguidade” (Barthes, 1981, p. 4), não seguiremos a ordem alfabética, mas a ordem sequencial da história de amor de Cauby e Lavínia.

A partir dos recortes dos Fragmentos amorosos de Barthes, pretendemos desnudar também, a analogia entre a história mitológica de Eros e Psique nos jogos de amor entre Cauby e Lavínia.

Assim, a primeira figura a ser trabalhada será o rapto. O autor denomina “Rapto” o episódio inicial durante o qual o sujeito apaixonado é “raptado” ou “seduzido” (capturado e encantado) pela imagem do objeto amado, sintetizado pelo nome popular “gamação” e termo científico “enamoramento”. É o momento em que esse sentimento amoroso se apodera do objeto do “rapto”: algo do amante é roubado de si mesmo. O autor diz que o enamorado deixa de pertencer inteiramente a si mesmo e passa a pertencer ao outro. Barthes (1981, p. 165), faz

uma analogia entre o amor e a guerra e lembra que antigamente os homens deveriam raptar as mulheres para garantir sua exogamia. Acrescenta, ainda, que no mito antigo o raptor é ativo, é o sujeito e quer pegar sua presa (uma mulher, o objeto do rapto - sempre passiva) e completa dizendo que no mito moderno é o contrário; o raptor não quer nada, não faz nada e é o objeto raptado que é o verdadeiro sujeito do rapto. Diante dessa perspectiva, verificamos essa condição de sujeito/objeto com o mito de Eros e Psique. Mesmo Eros (a figura masculina), sendo raptado - através da sua própria flecha - e ficando perdidamente apaixonado por Psique, continua sendo o sujeito do relacionamento. É ele quem a procura durante a noite e se vai antes do amanhecer, enquanto Psique (a figura feminina), fica em casa esperando por ele, na condição de objeto.

Marçal Aquino estabelece uma inversão do sujeito/objeto, estilhaçando a estrutura do mito tradicional, pois a história de Cauby e Lavínia transporta-nos imediatamente à história de Eros e Psique, porém, desta feita, o feminino é o sujeito e o masculino, o objeto do amor; Lavínia é o raptor (ou raptora) e Cauby, o raptado, conforme diz o filósofo imaginário Schianberg, que faz parte do romance de Aquino: “ao se apaixonar, um ‘homem de sangue quente’ experimenta o desamparo de sentir-se vulnerável. Ele não caçou; foi caçado” (Aquino, 2005, p. 9).

Na mitologia grega, Eros (Cupido, na mitologia romana) é o amor personificado; é o desejo incoercível dos sentidos, e Psique, na etimologia grega, significa sopro vital, a presença da vida. Ela representa a personificação da alma.

De acordo com Bulfinch¹ (2002, p. 101), Psique era uma moça com beleza exemplar, tanto que a fama de tal beleza foi tão grande que estrangeiros de países vizinhos iam, em multidões, admirá-la. Desesperada e morrendo de ciúmes, Afrodite (Vênus na mitologia romana) chamou seu filho, Eros, e lhe pediu que atirasse suas flechas de amor em Psique, e fizesse com que ela se apaixonasse pelo homem mais feio do planeta. Eros obedecendo a ordem da mãe, foi até a casa de Psique, entrou pela janela e avistou uma moça com rosto perfeito e traços encantadores, que estava dormindo. Eros chegou bem perto para não ter a chance de errar o alvo (apesar de ter uma mira muito boa, mas estava encantado com a bela jovem). Se preparou para atirar, esticou o seu arco e quando ia soltar a flecha, Psique moveu o braço, e Eros acertou a si mesmo. Eros foi raptado e a partir daquele instante o deus grego ficou perdidamente apaixonado pela jovem. Eros voltou para casa, mas não conseguiu dormir,

¹ Bulfinch (2002) utiliza a nomenclatura romana “Cupido” para se referir a Eros, porém, para este estudo, parece-me mais adequado usar a denominação Eros, que dá origem ao adjetivo erótico, relativo ao amor; sensual; lúbrico; lascivo.

pensando na bela Psique e procurou uma maneira de viver esse amor intenso e proibido. Com ajuda do vento Zéfiro, ele conseguiu realizar seu desejo. A partir de então, os dois passam a protagonizar o mais nobre de todos os sentimentos: o amor imortal.

Tal como Eros e Psique, Cauby e Lavínia vivem um romance conturbado e ardente. Esse episódio do rapto aparece muito bem representado na história desses dois amantes. Cauby é flechado quando vê a foto de Lavínia na loja de fotografias e acaba de se ferir gravemente quanto ela entra no recinto. Dessa forma, Cauby é duplamente capturado pelo amor de Lavínia. O narrador personagem, Cauby, nos relata o momento do seu rapto:

Foi na loja de Chang. Enquanto esperava que ele embalasse os filmes que havia comprado, distraí os olhos nas fotos da vitrine. O rosto de uma mulher num porta-retrato capturou minha atenção. Era jovem ainda, e muito bonita. Tinha os olhos grandes e escuros e sorria como se estivesse vendo, atrás de quem a fotografava, algo que a deixava imensamente feliz. Só vi mulheres sorrindo daquela maneira quando olhavam para gatos ou crianças.

Que rosto maravilhoso, eu disse.

E ouvi uma voz às minhas costas:

Muito obrigada.

Eu me virei e dei de cara com ela, a mulher do porta-retrato. Os cabelos estavam mais compridos e sorria de um jeito bem diferente do sorriso da foto. Um rosto com uma luz extraordinária. Cravou em mim um par de olhos cor de lodo de bauxita. Perdi o rebolado (Aquino, 2005, p. 8).

Cauby diz que o rosto da mulher do porta-retratos capturou sua atenção e quando essa mulher entra na loja, crava nele um par de olhos de bauxita e ele perde o rebolado. Para o contexto de Cauby e Lavínia - que estão vivendo numa região de garimpo - esse momento do rapto, essa flechada de amor, poderíamos utilizar outro verbo muito caro a Barthes em *O prazer do texto*, como uma metáfora para a figura do rapto. Quanto o autor trata do jogo entre escritor e leitor, ele utiliza o verbo dragar: “Esse leitor, é mister que eu o procure, (que o drague)” (Barthes, 2015, p. 9). Nesse sentido poderíamos dizer que Cauby foi dragado por Lavínia no momento em que ela adentrou à loja de fotografias.

Cauby-Eros foi flechado, raptado ou dragado, pela luz extraordinária do rosto de Lavínia e segue na expectativa do primeiro encontro amoroso entre o casal. A partir desse momento a vida do Cauby-Eros segue se alternando em momentos de encontros e reencontros, permeados por longos dias de espera e desencontros, uma vez que a sua Psique era comprometida.

Para Barthes o encontro é a figura que se refere ao tempo feliz que se seguiu imediatamente ao primeiro rapto. O autor organiza a trajetória amorosa em três etapas (ou três atos): a primeira é instantânea, a captura (o enamorado é seduzido por uma imagem); em

seguida vem uma série de encontros (encontros pessoais, telefonemas, cartas, pequenas viagens), durante os quais o enamorado explora extasiado, a perfeição do ser amado; é a doçura do começo, o tempo próprio do idílio. Esse tempo feliz é sucedido pela “continuação”, que nada mais é do que um longo desfile de sofrimentos, mágoas, angústias, ressentimentos, desesperos, embaraços e armadilhas das quais o enamorado se torna presa (Barthes, 1981, p. 84).

O autor de *Eu receberia as piores notícias de seus lindos lábios* organiza os encontros, do casal Cauby e Lavínia tal como Barthes descreve em *Fragmentos de um discurso amoroso*. O livro conta a história de Cauby, um fotógrafo paulistano que consegue uma bolsa e vai para o interior do Pará para fazer um trabalho de fotografar nu artístico de prostitutas na região de garimpo. Lá ele se envolve com Lavínia, uma mulher casada com um pastor evangélico, num rapto fulminante. Eles vivem um relacionamento marcado por uma paixão intensa, mas que se transforma em sofrimento e desespero, conforme veremos a seguir.

No momento do rapto (na loja de Chang) Cauby dá seu cartão à Lavínia para que ela o procure e possa ver suas fotografias. Dias depois ela vai ao encontro do fotógrafo: “Lavínia me beijou no rosto e entrou em casa. O engraçado é que eu estava meio nervoso, e ela também. Tensos” (Aquino, 2005, p. 15). Cauby-Eros, depois de ter sido flechado, mal consegue segurar suas emoções, mas conversaram, beberam, olharam fotografias e Lavínia-Psique vai embora sem ao menos deixar sua imagem nos *flashes* do fotógrafo: “Posso fazer uma foto sua? Ela mexeu no cabelo, inibida, cobriu o rosto com as mãos. Hoje, não. Estou feia” (Aquino, 2005, p. 16). Ansioso por um novo encontro, Cauby evita sair de casa, porém, por motivo de trabalho ele acaba saindo e Lavínia aparece.

Cheguei em casa mareado, sujo. Quando entrei, pisei no bilhete que Lavínia enfiara por baixo da porta. *Estava me sentindo bonita. Volto outra hora*. Não havia assinatura, apenas o horário: ela estivera ali minutos antes. Ainda saí à rua e andei pelos arredores na esperança de encontrá-la. Mas tudo que vi foi ordinário: putas de roupas curtas e coloridas e com pintura pesada no rosto misturadas com mulheres e crianças opacas, que garimpavam quinquilharias das lojas de 1,99 do centro. Na praça, velhos e desocupados jogavam dominó e ruminavam o mormaço da tarde. Fui para casa. E passei a esperar (Aquino, 2005, p. 18).

Cauby procura em vão por Lavínia pelos arredores, mas volta para casa para esperá-la. Na história mitológica, Eros, após se ferir com a flecha “ordenou ao vento Zéfiro que transportasse Psique para um vale macio e florido que se estendia ao sopé da montanha (Brandão, 2012, p. 220). Psique é recebida por uma multidão de vozes num palácio deslumbrante, porém passa seus dias sozinha, esperando por Eros que somente à noite vem

lhe visitar. Conforme já dito, Eros é o sujeito do amor e Psique, o objeto. Na história de amor em análise, Cauby-Eros, louco de desejo, cada vez mais se transforma em objeto, e passa os dias a esperar pela Lavínia-Psique, sujeito da situação. Certo dia ela volta e o verdadeiro encontro entre eles acontece. Cauby estava em festa e sob as bênçãos de Eros, pois apenas os lençóis enrugados lhe faziam companhia na sua longa espera:

Ela me abraçou e encostou a cabeça em meu peito, bem em cima do meu coração atropelado. E falou apertando as minhas costas:
Entra em mim.
Olhei para a porta do quarto: lá dentro nos esperavam os lençóis enrugados da cama arrumada com pressa e imperícia. Lavínia notou que eu olhava para o quarto e abriu meu cinto. Sussurrou: Aqui (Aquino, 2005, p. 22).

Enfim, aquele “tumulto de angústia suscitado pela espera do ser amado”, de que diz Barthes (1981, p. 94) parecia ter chegado ao fim. Seguem vários encontros e vários flashes em que Lavínia-Shirley-Psique, mulher bonita e sensual, é sujeito da situação e Cauby-Eros registra cada momento: “Fotografei Lavínia em centenas de ocasiões. Todo tipo de ângulo. Como se quisesse documentar cada um de seus poros” (Aquino, 2005, p. 21). Porém, Lavínia-Shirley-Psique, além de buscar a satisfação de seus desejos, busca também sua liberdade e se vai sem avisar.

Então Lavínia sumiu por mais de um mês. Exatos trinta e sete dias. Na segunda semana, comecei a telefonar. Ninguém atendia ou eu desligava assim que ouvia a voz possante do pastor, voz de quem só empregava maiúsculas para falar. O pior é que eu não podia me afastar de casa. Temia que Lavínia aparecesse de surpresa, como acontecia às vezes. [...] Parei de cortar a barba. [...]. Passei dias fumando maconha e ouvindo clássicos, e olhando com impaciência um dedo de pó avermelhado se depositar sobre os móveis da casa (Aquino, 2005, p. 37).

Cauby, objeto do amor, passa seus dias numa espera angustiante por sua amada e vive o que Roland Barthes chama de pequeno luto. Não cuida de sua aparência, não sai de casa por medo de um desencontro, deixa o pó acumular sobre os móveis e ainda intensifica o uso da maconha. O autor do romance constrói o cenário amoroso tal qual Barthes descreveu:

Há uma cenografia da espera: eu a organizo, a manipulo, destaco um pedaço de tempo onde vou representar a perda do objeto amado e provocar todos os efeitos de um pequeno luto. [...] Que fazer (angústia de conduta)? Trocar de café? Telefonar? E se o outro chegar durante essas ausências. Não me vendo, ele pode ir embora, etc. (Barthes, 1981, p. 94).

O pequeno luto de Cauby termina depois de trinta e sete dias. Quando ele menos esperava, ela reapareceu: “quando ouvi a campainha [...] abri a porta. Uma Lavínia diferente, com o cabelo bem curtinho e o rosto mais cheio, tirou os óculos escuros e sorriu para mim de

um jeito tímido. Posso entrar?” (Aquino, 2005, p. 40). Lavínia, sujeito da relação amorosa, reaparece sem avisar e sem dar satisfações e Cauby, o objeto desse amor, se sente culpado por querer alguma explicação:

Senti a sua falta, ela disse.
Aconteceu alguma coisa?
Precisei viajar.
Você podia ter me avisado...
Acabei de falar e já me arrependi: minha voz soou magoada. Que direito eu tinha de cobrar alguma coisa? Lavínia ergueu o rosto triste para mim.
Desculpe, ela disse (Aquino, 2005, p. 41).

O desentendimento entre eles durou pouco, o amor falou mais alto e em poucos minutos, ninguém mais se lembrava das mágoas e eles aproveitaram para viver momentos intensos nesse reencontro. O amor entre Cauby e Lavínia é marcado por uma forte carga erótica. O autor explora o erotismo como elemento do fazer artístico na construção de seu romance, destarte, o reencontro dos enamorados é um reencontro de corpos.

Despi Lavínia sem pressa nesse dia, me controlando. Tirei a saia e a blusa, ela se livrou das sandálias. E, por um tempo, ficou apenas de calcinha e sutiã. E era muito bom de ver. Lavínia tinha engordado, estava um pouco mais cheia na cintura e no rosto, e os seios pareciam maiores. Minha intenção era protelar as coisas ao máximo, e começamos de um jeito manso. Um reencontro de corpos, o reconhecimento de um terreno nunca decifrado por completo. Mas não demorou para esquentar, e quando vi estávamos à beira do precipício (Aquino, 2005, p. 41).

O fim da espera, um novo encontro, o desejado reencontro e a exploração do corpo do outro acontece. Esse momento é marcado pela força de Eros, pela sensualidade e pelo desejo. Eros se faz presente em Cauby, um homem atraente, que desperta atração em Lavínia. Lavínia também é tomada pelo signo de Eros, principalmente nos momentos em que ela se transforma em Shirley e deixa extravasar os impulsos de sua paixão. O autor do romance constrói a textualização do erotismo mesclada por um discurso amoroso. Para isso dá voz ao narrador personagem, Cauby, que, por meio de uma linguagem sedutora, nos revela a sua técnica de eternizar os momentos de amor vividos com Lavínia.

Fotografei Lavínia em centenas de ocasiões. Todo tipo de ângulo. Como se quisesse documentar cada um de seus poros. Mas, para falar a verdade, em nenhuma outra foto ela aparecia tão bela quanto na sequência que fiz naquela tarde. Eu gostava muito de uma das imagens, em particular. Um close. Bem no momento em que Lavínia soltou os cabelos e agitou-os, seu rosto ficou semicoberto e, no espaço entre duas mechas, capturei o brilho de seus olhos. Acho que foi a grande foto de uma mulher que fiz em toda a vida. Uma imagem preciosa. daquelas que justificam guardar o negativo num cofre de banco (Aquino, 2005, p. 21).

Cauby emprega uma linguagem extremamente sedutora para descrever seu encantamento pelo corpo da mulher amada, conforme se verifica quando ele diz que agia como se quisesse documentar cada um dos seus poros e que o negativo de uma das fotos merecia ser guardada em um cofre de banco. Para esse encantamento Barthes diz que “Querer escrever o amor é enfrentar a desordem da linguagem: essa região tumultuada onde a linguagem é ao mesmo tempo *demais* e *demasiadamente pouca*” (Barthes, 1981, p. 93). Por isso, além da linguagem, Cauby usa também a linguagem fotográfica para documentar seu amor.

Sob o ponto de vista de Barthes (1981, p. 1), o erotismo é evocado pelo discurso amoroso que, por sua vez, “só existe através de lufadas de linguagem, que lhe vêm no decorrer de circunstâncias ínfimas, aleatórias”. De modo que o discurso amoroso se apresenta através das figuras e a figura do corpo é uma das mais exploradas no discurso amoroso erótico de Marçal Aquino. Barthes acrescenta ainda que “Todo pensamento, toda emoção, todo interesse é suscitado no sujeito apaixonado pelo corpo amado” (Barthes, 1981, p. 62).

Nessa perspectiva, retomamos o discurso amoroso de Cauby e Lavínia, que, não por acaso, se inicia na terceira parte do romance denominada “Postais de Sodoma à luz do primeiro fogo” em que Cauby volta a ser o narrador personagem e através de um discurso direto com Lavínia nos é apresentado a exploração do corpo da parceira. Depois de um encontro amoroso rápido, ela se prepara para ir embora e Cauby resolve fazer mais umas fotos da moça e o fogo da paixão toma conta do casal:

Tocada pela luz dos flashes, Lavínia vestiu a calcinha e o sutiã. Depois, removeu a touca de plástico e voltou ao banheiro para pentear os cabelos e passar batom. Shirley, o nome que transformamos em adjetivo, preparava-se para sair apresentável da cena do crime.

Você já vai?

Ela me sorriu do espelho:

Eu te avisei que não podia ficar muito tempo.

Abracei-a por trás, beijei seu ombro, seu pescoço. Misturado à fragrância do sabonete, seu cheiro de bicho se desprende. O reino animal mandava notícias.

Você está com *muita* pressa?, perguntei.

E acariciei os seios por cima do sutiã, até sentir os bicos se eriçando entre os dedos. Lavínia suspirou e mexeu os quadris. Pressionei o corpo dela contra a pia e vi, no espelho, que ela estava com os olhos fechados no momento em que sussurrou:

Você vai me atrasar...

Enfie os polegares nas laterais da calcinha que ela usava pela primeira vez — e pela última, pensei, ao ouvir o tecido rasgando — e puxei com força. Seu corpo ainda estava úmido, mas não tanto quanto sua boceta (Aquino, 2005, p. 72).

No trecho em destaque, mais que nas demais partes do romance, o autor se liberta de qualquer pudor e traz uma linguagem marcada por fortes traços de erotismo. A atuação de Eros se dá de forma explícita ao eleger um vocabulário próprio do erotismo para alcançar o efeito do feitiço. Nesse sentido, Georges Bataille diz que o erotismo revela o avesso dos sentimentos, uma vez que normalmente sentimos vergonha do nosso corpo e a experiência erótica de situa fora da vida cotidiana.

Falamos de erotismo sempre que um ser humano se conduz de uma maneira que apresenta uma oposição bem acentuada a certos tipos de comportamento e de julgamento que nos são habituais. O erotismo deixa entrever o *avesso* de uma fachada cuja aparência correta nunca deve ser desmentida: *no avesso* revelam-se sentimentos, partes do corpo e maneiras de ser de que temos habitualmente *vergonha* (Bataille, 1987, p. 73).

O autor do romance em análise emprega, no trecho acima, uma linguagem ousada, desprovida de pudor para desvelar partes do corpo que normalmente se tem vergonha de expor. Assim, a linguagem se transforma na materialidade dos corpos e na textura da imagem poética que representa o erótico, a sensualidade do romance. Para tratar desse verdadeiro culto ao corpo do outro, Roland Barthes apresenta em seus *Fragmentos* uma passagem de Proust que diz que

Às vezes uma ideia toma conta de mim: começo a escutar longamente o corpo amado (como o narrador diante do sono de Albertine). *Escutar* quer dizer *vasculhar*: Vasculho o corpo do outro, como se quisesse ver o que tem dentro, como se a causa mecânica do meu desejo estivesse no corpo do adverso (me pareço com esses garotos que desmontam um despertador para saber o que é o tempo) (Barthes, 1981, p. 62).

Nessa perspectiva observamos que Cauby e Lavínia-Shirley, tomados pelos poderes de Eros, seguem a perscrutar o corpo do enamorado, explorando as magias da carne e do prazer carnal como se quisesse desvendar, conhecer o lado avesso de cada parte do corpo do ser amado, seguindo as pulsões do desejo.

Seguindo a trilha dos fragmentos de Barthes: passando pelo rapto, pelos encontros - permeados por esperas e pela exploração do corpo do outro - completamos o percurso que propusemos realizar pelas figuras do discurso amoroso de Barthes escolhidas para este estudo. Cada uma dessas figuras foi devidamente exemplificada com passagens selecionadas do romance de Marçal Aquino; além de que, apontamos as marcas do erotismo, do amor sensual, da presença de Eros no relacionamento amoroso do casal de enamorados, através do

desnudamento do corpo do outro, salientando as aproximações e os afastamentos da história de Cauby e Lavínia com o mito de Eros e Psique.

REFERÊNCIAS

AQUINO, Marçal. *Eu receberia as piores notícias dos seus lindos lábios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

BARTHES, Roland. *Fragmentos de um Discurso Amoroso*. Trad. Hortência dos Santos. 2.ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981.

BARTHES, Roland. *O prazer do texto*. Trad. J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2015.

BATAILLE, Georges. *O erotismo*. Trad. Antônio Viana. Porto Alegre, L & PM, 1987.

BRANDÃO, Junito de Souza. *Mitologia Grega – Vol. II*. 21ª ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

BULFINCH, Thomas. *O livro de ouro da mitologia: (a idade da fábula): histórias de deuses e heróis*. Trad. David Jardim Júnior. 26ª ed. Rio de Janeiro: Ediouro Publicações S/A, 2002.

LIMA, Maria de Fátima Gonçalves. *O Signo de Eros na Poesia de G.M.T.* Goiânia: Kelps, 2005.